

A violência como evento de resignificação¹

Luiz Fábio Silva Paiva, Doutorando em Sociologia, pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC) e do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão: Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano da Universidade Estadual do Ceará (GPDU/UECE), no qual integra o Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência (COVIO).

Neste trabalho foi observado como acontecimentos relativos às práticas de violência urbana, na cidade de Fortaleza, afetam a vida de indivíduos que se depararam na sua rotina com situações de assalto e assassinatos de pessoas próximas. Observa-se como a violência urbana, além de ser um problema social, funciona, em alguns casos, como um evento que causa ruptura nos esquemas de significação cultural e, desta forma, produz novas significações. Isso não ocorre sem consequências nas redes de sociabilidades existentes entre pessoas que se relacionam em um determinado ambiente social. Posto isto, o trabalho tece algumas considerações a respeito da dinâmica interna de manifestações específicas da violência urbana, assim como refleti sobre seus efeitos no mundo social. A abordagem do trabalho compreende as condutas relacionadas à violência urbana como práticas que funcionam como uma espécie de representação e/ou de sistematização de conteúdos e de fatos distintos. Parte-se dos fundamentos conceituais propostos por Michel Misse e Luiz Antônio Machado da Silva, cujos trabalhos destacam que é preciso fugir da idéia de que exista um sentido derradeiro para os eventos relacionados à violência urbana. Os acontecimentos aqui englobados no termo violência urbana são fatos de qualidades distintas, com causas e consequências múltiplas, variando de acordo com o contexto histórico e cultural dos indivíduos envolvidos.

Palavras chaves: violência urbana, sociabilidade e sistemas de significação.

Este artigo reflete sobre a experiência de moradores do bairro Bom Jardim² que, de algum modo, foram afetados (comovidos, afligidos, abalados, interessados etc.) direta ou indiretamente por fenômenos tipificados no termo violência urbana³. Os casos a serem apresentados objetivam demonstrar algumas mudanças sofridas nos conteúdos de sentido presentes nas ações sociais⁴ de moradores que foram afetados por condutas de outros moradores do Bairro classificáveis como práticas referentes à violência urbana.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil

² O Bom Jardim é um bairro popular classificado pela Secretária de Segurança Pública como um dos locais de maior ocorrência de crimes da cidade de Fortaleza-CE.

³ Em linhas gerais, condutas típicas dos centros urbanos passíveis de serem classificadas como crimes pelos estatutos jurídicos instituídos, promovidas por determinados agentes sociais contra a integridade física e patrimonial de moradores ou de pessoas em trânsito em áreas urbanas (assaltos, latrocínios, tráfico de drogas, brigas de gang's etc.). Esta conceituação primeira objetiva apenas nortear o leitor em relação às práticas analisadas no decorrer do artigo.

⁴ Ação social é entendida aqui no sentido weberiano do conceito, ou seja, uma conduta dotada de sentido em seu curso (Weber, 1991). Não obstante, é importante destacar que esta ação social não é tratada aqui nos termos de

A perspectiva norteadora desse trabalho baseia-se nos estudos de Silva e Misse. Para Silva (1993), a violência urbana é uma representação e sua compreensão deve-se ao entendimento de que ela, em si, é um objeto e não um conceito. Destarte, as condutas relacionadas à violência urbana devem ser compreendidas de modo autônomo, entendendo que o termo referido funciona como uma espécie de representação e/ou de sistematização de conteúdos e de fatos distintos. Para Misse, é preciso fugir da idéia de que exista um sentido derradeiro para os eventos relacionados à violência urbana, *pois não há* (Misse, 2003: 21). Os acontecimentos englobados no termo violência urbana, em suma, são fatos de qualidades distintas, com causas e conseqüências múltiplas, variando de acordo com o contexto histórico e social dos indivíduos envolvidos, sejam como agentes ou vítimas de ações violentas e/ou criminosas.

O estudo que originou este trabalho⁵ objetivou compreender relacionalmente as singularidades de casos específicos e a formação de uma representação da violência urbana como fenômeno geral fundamentado em narrativas apresentadas por agentes sociais afetados por ações distintas. Estas narrativas contam e recontam histórias pessoais, muitas vezes, as reelaborando em fluxo contínuo de um acontecimento em curso, propondo, em alguns casos, uma saída derradeira para “o problema” da violência na Cidade. Sobre as narrativas produtoras de uma representação geral da violência urbana, a análise que segue toma de empréstimo a seguinte observação de Silva (2004):

Meu ponto de partida é uma constatação: existe uma expressão muito difundida e coletivamente aceita pelas populações urbanas para descrever cognitivamente e organizar o sentido subjetivo das práticas que envolvem o que legalmente se define como crime comum violento e suas vítimas atuais ou potenciais – violência urbana. Narrativas que visam explicar motivos da ação, assim como avaliações morais de condutas e fenômenos da vida cotidiana nas grandes cidades fundamentam-se nesta expressão para serem aceitas e compreendidas. Isto permite tomar a violência urbana como uma representação coletiva, categoria do senso comum constitutiva de uma “forma de vida”. Neste sentido, ela não pode ser corrigida nem falsificada – mas pode ser objeto de crítica racional.

Para compor o quadro analítico do artigo, propõe-se uma interpretação relacional dos acontecimentos específicos narrados pelos moradores do Bom Jardim e as representações da violência urbana como fenômeno geral a toda extensão do Bairro que, ao ganhar forma e conteúdo a partir da singularidade de certos casos, passa a ser uma representação norteadora de ações sociais e de formas de sociabilidades locais.

uma conduta racional, mas de uma conduta permeada de significado em seu curso, não estando independente de condições objetivas (históricas e mutáveis).

⁵ Pesquisa de três anos no Bairro Bom Jardim que culminou na elaboração de Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC, intitulada *Contingências da violência em território estigmatizado* (Paiva, 2007).

Antes de passar a descrição dos acontecimentos em que este estudo está interessado, será apresentado uma síntese de conceitos que contribuíram para compreensão da questão de como se operacionalizam mudanças, nos sistemas de significação dos agentes sociais, mobilizadas por acontecimentos singulares passíveis de serem agrupados na idéia geral de violência urbana.

A violência como evento

Este trabalho esforça-se por pensar relacionalmente as formas como os agentes sociais emprestam sentido ao mundo social e as condições objetivas (determinadas e mutáveis historicamente) dos sentidos incorporados por esses agentes através de múltiplos processos de socialização⁶. É importante destacar que os processos de socialização correspondem às condições históricas e culturais de cada grupo social, cujo objetivo é a formação de um conteúdo de sentido comum aos integrantes do grupo que se relacionam entre si⁷. Na sociedade brasileira, por exemplo, espera-se que “os brasileiros”, com base nas leis instituídas nos estatutos legais vigentes, saibam quais as condutas aceitáveis (corretas, boas, cidadãs) e as não aceitáveis (incorretas, ruins, criminosas), assim como saibam como proceder diante das não aceitáveis (denunciando as autoridades competentes como nos casos dos crimes). Contudo, observa-se na prática social a existência de múltiplas formas possíveis de desdobramentos das condutas dos agentes sociais cuja realização nem sempre corresponde às expectativas estabelecidas pelas normatividades instituídas. Parte-se do pressuposto de que, embora existam conteúdos de sentido comum entre os agentes de um mesmo grupo, suas ações e os significados pertinentes a elas estão relacionadas às singularidades de suas histórias de vida e a pluralidade de sociabilidades referentes a repertórios próprios de experiências acumuladas.

A partir do modelo conceitual apresentado, objetiva-se compreender como os esquemas de significação presentes nas condutas dos agentes sociais são passíveis de sofrer resignificações mediante uma ação do tipo violenta e inesperada promovida por um outro agente. A esta ação violenta e inesperada, promovida por um agente contra outro, propõe-se trabalhá-la nos termos de um *evento*. Segundo Sahlins (2004)⁸, o evento é uma espécie de

⁶ Esta reflexão busca incorporar as contribuições de Weber (1991), Bourdieu (2001) e Lahire (2004) sobre as condições subjetivas e as condições objetivas da ação social.

⁷ A educação escolar é maior exemplo disso nas sociedades ocidentais contemporâneas, pois é através dela que parte dos valores significativos do Estados democráticos de direito, assim como as formas de sociabilidade correspondente a este modelo de organização jurídico-político, são transmitidos a cada geração.

⁸ É importante esclarecer que Sahlins trabalha o evento como processo de resignificação cultural, mantendo uma perspectiva estruturalista aberta a transformação e histórica (1990). Neste trabalho, a análise é compreensiva dos

diferença, que faz parte da estrutura simbólica de um determinado grupo, mas que uma vez realizado causa uma ruptura em que *nada continua a ser como era antes*. O evento é um fenômeno contingente, entretanto, não se trata de um acontecimento qualquer, pois só se torna possível mediante um conjunto estruturado de condições históricas produzidas em certo contexto. Conforme as pesquisas de Sahlins, os *eventos* demarcam *descontinuidades estruturais* na história de um determinado grupo e *a relação entre o acontecimento e a estrutura*.

Neste trabalho, a violência é pensada como um evento de resignificação na medida em que ela reflete experiências que causam descontinuidades entre esquemas de significação atuais e anteriores presentes na conduta de moradores de um Bairro urbano — por isso, a violência de que falamos é preferencialmente a de tipo urbana.

A perspectiva metodológica adotada privilegia pensar a violência como *evento de resignificação* nas histórias de vida de moradores do bairro Bom Jardim que de modo direto ou indireto foram *afetados* por acontecimentos que envolvem o uso de violência de outros contra eles ou pessoas próximas. A preocupação central foi compreender rupturas de formas anteriores de significação do mundo social, alteradas, nos casos observados, preferencialmente após as pessoas entrevistadas terem sido afetadas por manifestações específicas da violência urbana. Exemplo disso são as experiências de moradores que afirmaram ser impossível atualmente circular tranquilamente no Bairro depois de terem sofrido ou presenciado alguém ter sofrido um assalto.

Ressalta-se o fato de ser esta ainda uma tentativa inicial de desenvolvimento de possibilidades analíticas muito incipientes e marcadas pelo esforço de compreender como os conteúdos de sentido presente nas relações sociais de moradores urbanos são *afetados* e, a partir de então, reelaborados tanto no plano simbólico quanto na prática refletida de modo diferente pelas pessoas vítimas diretas ou indiretas da violência urbana.

Também contribuíram para a reflexão proposta as observações de Caldeira (2000) sobre a experiência de ser vítima de violência em sua pesquisa realizada na cidade de São Paulo. Caldeira observou que ser vítima de um crime violento como o roubo à residência é uma experiência extremamente desorientadora dos sentidos anteriores ao crime. Segundo Caldeira, ser vítima de um crime violento, como sofrer um roubo em sua *casa*, *cria uma desordem na experiência vivida e provoca uma desestruturação do mundo*, um rompimento com as formas de ver o espaço social outrora interpretado como calmo e tranquilo. Após as pessoas passarem pela experiência de ser vítima de um crime violento, *a vida não caminha do*

conteúdos de sentido social e historicamente construídos e apesar das possíveis aproximações trata-se aqui de categorias e escalas diferentes das privilegiadas por Sahlins.

mesmo jeito que antes. Segundo ela, como muitos me disseram repetidamente: “Esse medo você nunca mais perde” (Caldeira, 2000: 33). De acordo com Caldeira, a experiência de vivenciar uma situação de violência, tipo um assalto à residência, é algo que causa ruptura com os significados atribuídos, por exemplo, ao espaço social de moradia. Ao entrevistar vítimas de crime, Caldeira observou que suas narrativas dos acontecimentos objetivavam contrabalançar os prejuízos causados pela experiência ao universo de significação:

...à medida que a história é contada e recontada, em vez de criar uma ruptura, o crime é exatamente o que organiza toda narração, estabelecendo marcas temporais estáticas e emprestando suas categorias a outros processos. À medida que as narrativas são repetidas, o bairro, a cidade, a casa, os vizinhos, todos adquirem um significado diferente por causa do crime, e sua existência pode ser realinhada de acordo com as marcas fornecidas pelo crime (id. ib.:33)

Como demonstra Caldeira, ser vítima de um crime em determinado lugar causa uma ruptura com a percepção anterior desse mesmo lugar, podendo ocorrer de o indivíduo reorganizar toda sua percepção em torno de uma explicação lógica para o acontecimento que lhe afetou⁹. Um dado importante e complementar as observações de Caldeira é que essa reorganização dos significados desorganizados pela experiência de ser vítima de violência nem sempre são produtoras de ações de retraimento conseqüente do medo, mas, na prática, são abertas conforme as experiências acumuladas historicamente pelas pessoas afetadas. Para compreender essa dinâmica se passara aos casos de moradores afetados direta e indiretamente por situações singulares que compõem o repertório geral das narrativas sobre a violência urbana no bairro Bom Jardim.

Formas de resignificação produzidas pela violência urbana

Com objetivo de especificar as diferenças entre formas de reorganizar conteúdos de sentido resignificados por manifestações específicas da violência urbana, serão apresentados em dois tópicos de situações distintas e complementares para a pesquisa: 1) situações em que moradores locais, afetados, direta e indiretamente, por ações violentas incorporaram em sua ação precauções visando a sua proteção física e material; 2) situações em que moradores locais, afetados, direta e indiretamente, por ações violentas incorporaram em sua ação a necessidade de ajudar a resolver o problema da violência no Bairro.

⁹ Em um dos casos observados por Caldeira, uma moradora assaltada em sua residência explicava que seu Bairro, outrora muito bom de se viver, se tornou muito perigoso, principalmente, devido a chegada dos nordestinos. Segundo Caldeira, não havia nada que comprovasse objetivamente as causas apresentadas pela moradora, mas este havia sido um das formas encontradas pela moradora em sua fala de reorganizar a desordem causada pela experiência do assalto.

I. Ações de proteção diante do perigo

Trabalhar narrativas no espaço de um artigo não é tarefa das mais fáceis, na medida em que as dimensões do trabalho não comportam longas citações pertinentes ao texto narrado pelos moradores. Diante disso, serão destacados trechos que, conforme as intenções da pesquisa, visam compor o argumento desenvolvido, além de momentos de apresentação das situações já incorporados a interpretação do pesquisador.

Na primeira situação a ser apresentada tem-se a estória de Antônio¹⁰. Ele era dono de um pequeno comércio localizado em uma das ruas mais movimentadas do Bairro e morava cerca de três quadras do trabalho. De acordo com suas informações, sempre temeu ser assaltado no comércio, mas acreditava que o local onde morava era seguro.

Eu moro no Bom Jardim a muitos anos e sempre teve assalto aqui como em todo canto. Eu nunca me importei com isso! Achava que o pessoal era muito influenciado, que tava todo mundo ficando meio paranóico com essas estórias de violência. Claro que como eu sou comerciante eu pensava que podia ser assaltado ali, mas em casa eu me sentia muito seguro, porque eu nunca tive riqueza, nem era de ostentar nada. O carrinho que eu sempre tive na minha garagem é o meu fusquinha mais usado que nem sei o quê! Eu sempre fui tranqüilo e achei aqui muito tranqüilo. (Antônio, comerciante, morador há 22 anos)

Ao longo das entrevistas com Antônio, percebeu-se que, enquanto ele narrava sua estória no Bairro, destacava sempre como o lugar “era calmo”, “era seguro”, “era bom de viver”, “era possível sair de casa despreocupado” etc. O fato que demarcou uma mudança significativa em relação ao seu olhar sobre seu local de moradia foi um assalto a sua residência enquanto estava trabalhando. Em sua casa estavam sua esposa e sua filha que foram rendidas pelos assaltantes e encontradas por ele, ao chegar a casa, amarradas no banheiro. O acontecimento foi decisivo, segundo ele, não apenas para mudar sua visão sobre o lugar, mas também para mudança na organização de sua rotina e do seu espaço residencial.

Rapaz, aqui essa casa era assim antigamente: na frente, era um jardim, não tinha cobertura e o muro era baixinho, assim de um metro e meio, mais ou menos. Quando começou a acontecer os roubos, os vizinhos tudo levantando os muros, eu ainda resisti. Aí, quando foi a minha vez de sofrer com um assalto em que minha filha e minha esposa ficaram a mercê de dois brochote de dezesseis anos, então foi o fim da picada. Acabei o jardim. Levantei o muro e fiz a cobertura daqui da área até o muro. Além de ficar essa coisa horrorosa que você vê quando passa aí na frente, a quentura ficou que não tem quem agüente. Mas eu ia fazer o quê? Ficar correndo perigo?

Mesmo começando a ouvir de outros moradores as narrativas sobre roubos as *casas*, ele manteve a singularidade de sua *casa* com um jardim e um muro baixo. Isso até o dia em

¹⁰ Em relação ao uso dos nomes dos moradores, preservou-se as preferências do entrevistado referentes a utilização ou não no trabalho de seus nomes verdadeiros.

que ele deixou de ser um ouvinte para ser ator do drama promovido por dois *bandidos* que, de acordo com sua narrativa, “poderiam ter pintado e bordado”, feito o que quisessem com sua esposa e filha que ficaram rendidas, enquanto eles lhes roubavam. A experiência que causou uma ruptura com significados outrora incorporados e as narrativas do crime que reordenaram os significados em função de uma nova visão do mundo social ao seu redor mobilizaram Antônio para uma nova singularidade presente em sua casa, menos bela, menos confortável, menos arejada, mas com mais segurança para ele e sua família.

O assalto a sua casa provocou em Antônio uma revisão de sua visão do lugar e de sua relação com ele, mas as mudanças em sua conduta ainda estavam pautadas em continuar vivendo no Bom Jardim já que, segundo ele, “sair seria muito complicado pra recomeçar um negócio em outro lugar”. Para Antônio, o Bom Jardim continuava sendo “um bom lugar para morar”, embora agora ele fizesse ressalvas aos problemas da pobreza e da falta de segurança existentes na Região. Em outras situações, verificou-se que o Bairro ganhou significações de “lugar perigoso e violento” cuja vida em seu interior está em constante risco, por isso a única saída viável para proteção da integridade física e patrimonial é a busca de um outro lugar para morar. A situação narrada por Maria parece ilustrativa dessa segunda forma de ver e vivenciar as experiências relativas à violência urbana.

Eu morei no Bom Jardim minha vida toda. Sempre teve violência aqui, mas antes assim, as pessoas respeitava pelo menos os morador. Aí quando foi a três anos atrás, na rua onde eu morava, houve um assassinato de um rapaz bem novim. Devia de ter uns 19 anos! Era um rapaz muito bom, tava começando a trabalhar e ter suas coisinha. Quando foi com tempo ele apareceu morto assim no comecinho da rua. Depois fiquei sabendo que tinha sido uns cara que morava a duas casa da minha, vizinho do rapaz. O pessoal contou que eles mataram pra roubar os sapato do menino. O pior é que eu cruzava com eles todo santo dia. Desse dia em diante minha vida virou um inferno. Pensei que eles iam me matar, matar meus filho. Depois fiquei sabendo de outros casos, então, pensei: a gente tem que sair desse Bairro porque ele é muito violento. Se a gente continuar morando aqui vamo tudo morrer! Todo mundo que eu conheço na rua queria ir embora do Bom Jardim. Foi-se o tempo que dava pra morar aqui. Agora é só morte, violência... (Maria, massoterapeuta, morou no Bom Jardim por 32 anos)

Maria conseguiu comprar, com a ajuda de pessoas do seu trabalho, uma casa em outro Bairro de Fortaleza. Segundo ela, “nem perto, mas também nem tão longe quanto eu gostaria”. Ao lado de Maria, durante a primeira entrevista realizada com ela, estava Isabel, sua ex-vizinha e amiga. Segundo Isabel, “quando eu vim pro Bom Jardim era bom, mas agora tem muito bandido e, por isso, hoje é esse Bairro tão violento”.

Ao narrar sua vida antes da morte do rapaz de sua Rua, Maria relatou que ia diariamente, sozinha, da sua casa para o trabalho, que ficava a umas seis quadras de sua

residência. Ao meio dia, ela voltava a sua residência para o almoço, retornando em seguida ao trabalho, onde permanecia às vezes até as 18 horas ou mais. Ela sempre fazia esses percursos cotidianos desacompanhada. Isto se tornou impossível após os acontecimentos narrados, pois ela foi tomada por um pavor que mudou a vida de toda sua família. Os filhos passaram a ser uma espécie de acompanhantes permanentes da mãe. Ela não saía de casa só, e não voltava para almoçar. Os filhos iam ao trabalho lhe deixar as refeições. Ela também não ficava mais até tarde no local de trabalho, retornando para casa, no máximo, por volta das 16 horas. Ruas onde se encontravam os assassinos eram evitadas. A vida parecia ter sido limitada em todas as suas possibilidades, principalmente no consumo de bens que pudessem chamar atenção dos “demônios que mataram o menino”. Os filhos não podiam sair à noite, todas as portas eram fechadas às vinte horas e as relações com a vizinhança se resumiam a uns poucos conhecidos que, inclusive, evitavam qualquer comentário a respeito dos acontecimentos. A confiança no lugar e nas possibilidades de manutenção de condições mínimas de vida havia sido destruída pelos acontecimentos e culminou na mudança da família do lugar.

Importante destacar que a mudança do Bairro é consequência da mudança da percepção do lugar. A passagem do lugar tranquilo para o lugar perigoso é demarcada pelo fato de Maria vivenciar relações com agressores que estão muito próximos. Ademais, estão em liberdade, mesmo após terem matado uma pessoa, não havendo, segundo ela, “nenhuma garantia de que eu não seja a próxima vítima”. O *evento* da morte do jovem pelo seu par de tênis é o elemento sentido por Maria que, neste caso, não foi à vítima em si, mas uma pessoa fortemente atingida em sua sensibilidade pelo fato de saber de um latrocínio envolvendo integrantes de universo de sociabilidades. No novo Bairro, onde Maria foi morar, também existem acontecimentos relacionados à violência urbana. “Violência existe em todo lugar”, disse ela. Todavia, seu novo lugar lhe permitiu reorganizar uma série de atividades que se tornaram impossível devido aos atuais significados que ela empresta ao Bom Jardim.

II. Ações para solução do problema

Além das reelaborações dos significados sobre o Bairro apresentadas, observei, também, que há um outro tipo de reelaboração dos significados fundamentados no ideal de contribuir positivamente para resolução do “problema comum” da violência no Bairro. Dentre um conjunto de ações baseadas neste sentido, observei a de dois integrantes de Organizações Não Governamentais (ONG’s) que atuam no interior do Bom Jardim.

O primeiro caso diz respeito a Eunice, integrante de um grupo de voluntários que prestam atendimento psicossocial na Ocupação Marrocos¹¹ — lugar do qual “a maioria dos moradores do Bom Jardim quer distância”. Ela integra uma ONG denominada Movimento de Saúde Mental Comunitário do Bom Jardim (MSM)¹². O trabalho dela na Marrocos iniciou a partir de uma experiência de assalto contra ela e outras pessoas.

Nós trabalhamos [MSM] em várias comunidades aqui no Bom Jardim. No Pantanal, em 1994, que foi uma Ocupação — onde inclusive foi a primeira que nos entramos assim com esse trabalho de assistência as pessoas nas comunidades. Depois trabalhamos em outras, como a Nova Canudos, Oito de Dezembro, Mutirão, dentre outras que eu não lembro. Por ultimo foi na Marrocos. Que a gente encontrou assim por acaso (risos)! Nós andávamos a passeio pela Comunidade que a gente tava conhecendo naquele momento [Eunice, uma italiana que visitava o MSM e outro integrante da ONG], divulgando uma novena, e de repente nos fomos assaltadas. Aí, eu e outra menina que trabalhava comigo pensamos: “olha quando acontece uma coisa dessas é por que alguém tá precisando de algo”! Então nos imaginamos que ali precisava de alguém que olhasse pra eles, que visse a necessidade deles, a vida de pobreza e miséria que eles levavam. E a partir daí nos começamos um trabalho lá, com novenas e atendimento pessoal aos moradores (Eunice, voluntária no MSM).

Importante destacar que, no período dos primeiros contatos de Eunice, na Ocupação Marrocos ainda não existia ruas, iluminação e nem água. Isso, em si, já foi um cenário que despertou a atenção do grupo, pois, de acordo com Eunice, se tratavam ali de pessoas que viviam em condições de intensa precariedade material. Sobre o assalto sofrido por Eunice e as outras pessoas de seu grupo, ela relatou:

A história do assalto foi interessante! Nós íamos visitar o Pantanal [outra ocupação localizada no Bom Jardim], que a gente já conhecia por trabalhar lá há muito tempo. Aí a gente foi levar umas italianas para conhecer o Pantanal. Aí nesse dia resolvemos ir mais além, aí chegamos no Marrocos, mas ninguém sabia que era Marrocos... Entramos lá e as italianas começaram a tirar fotos dos buracos, dos meninos que encontravam... Aí! De repente um cara anunciou o assalto. Eu nem tinha percebido que era um assalto! Quando eu percebi foi quando eu já vi as meninas no chão. E ainda achei que era brincadeira, porque era um rapaz novim, acho que

¹¹ Esta foi uma “invasão silenciosa”, conforme declarou um morador, de uma área conhecida por Mata do Lobo. O local era onde se faziam aterros e o terreno era cheio de buracos, além de próximo a um riacho que nos meses de chuva inunda boa parte da localidade. A ocupação do terreno ocorreu no dia 2 de novembro de 2003. A iluminação pública só apareceu quase dois anos depois de a invasão ter sido realizada. Além disso, os moradores, após cinco anos de ocupação não dispunham dos serviços de saneamento básico ou pavimentação das ruas. As próprias ruas só existem devido à intervenção dos moradores e organizações da sociedade civil. A Comunidade convive com lutas internas pelo controle político da área, com embates entre lideranças comunitárias tradicionais do Bom Jardim e grupos de assistência social que atuam na Região. É um dos locais considerados “mais perigosos da região” porque, segundo os próprios moradores, há muitos criminosos de outros bairros da Cidade morando na Ocupação.

¹² O Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSM) é um organização cuja missão é oferecer a população um atendimento psicossocial. O MSM atende crianças, jovens, adultos e idosos, oferecendo cursos de teclado, violão, teatro, bordado e cursos profissionalizantes como informática, vendas e manutenção de computador. Além disso, conta com um cursinho pré-vestibular para jovens e adultos das comunidades do Bom Jardim.

adolescente, nem sei... “Deita no chão”, ele gritou! Aí, eu vi né e deitei! Aí ele colocou o revolver no meu ouvido. Eu disse pronto meu Deus é hoje (risos)! Eu digo é hoje, porque ele disse passa tudo. Nós não tínhamos nada! Só tínhamos mesmo a máquina que a irmã tinha levado e mais nada! Eu disse: agora pronto, chegou minha hora! Porque eu não tinha nada e como era à última e ele tava com revolver no meu ouvido, eu digo: agora pronto! Mas aí a menina passou a máquina e ele foi embora (idem).

Segundo Eunice, o assalto produziu um “estalo” para situação da Comunidade¹³ que, na perspectiva das vítimas do crime, sofria de uma situação de precariedade material e simbólica. De acordo com os desdobramentos narrados por Eunice, percebi que o *medo* foi um sentimento que desmotivou outros integrantes do MSM a frequentar a Marrocos. No entanto, ela e outras pessoas insistiram na realização de um trabalho na Comunidade, por acreditar que as pessoas precisavam de ajuda. Sem dúvida, por trás dessa atitude existi toda uma representação do mundo fundamentada numa ética religiosa e cristã que opera numa lógica de ajuda ao próximo. A própria Eunice reconhece isso quando em determinado momento justificou a interpretação do *evento* como uma espécie de “chamado de Deus” para o fato da necessidade de se fazer algo por aquelas pessoas. O interessante é o fato de o assalto ter chamado à atenção do grupo e tê-los feito refletir sobre o modo como as pessoas viviam naquela Comunidade.

O desenvolvimento do trabalho de Eunice a permitiu perceber situações contraditórias, cuja experiência poderia reforçar as imagens recorrentes de “lugar perigoso” que recaem sobre a Comunidade e, conseqüentemente, desmotivá-la a continuar em sua empreitada. Segundo ela, boa parte dos moradores homens são consumidores de drogas, tendo, obviamente, vários ligados ao tráfico de entorpecentes no Bairro. Muitas mulheres trabalhavam para sustentar o consumo do marido. No entanto, ao conhecer melhor a Marrocos, Eunice disse que percebeu que a maior parte das pessoas eram vítimas da situação de violência existente no lugar e não integrantes de grupos ligados ao tráfico a aos assaltos no Bom Jardim.

De acordo com ela, “a motivação pra continuar no Marrocos é saber que ali tem pessoas muito necessitadas de ajuda”. Muitos moradores da Marrocos eram, na sua visão, trabalhadores e as principais vítimas de assaltos realizados por adolescente no interior da Comunidade, sendo o êxodo existente no local¹⁴ motivado por assaltos recorrentes às suas casas ou, nos casos mais graves, à realização de graves ameaças a sua vida. Mesmo reconhecendo o perigo, Eunice e mais outras pessoas que se juntaram a ela, no decorrer de

¹³ O termo Comunidade é normalmente o preferido pelos moradores locais e integrantes de movimentos sociais para se referir as Ocupações do Bom Jardim.

¹⁴ Segundo moradores locais todos os dias alguém deixa a Marrocos por conta de ameaças dos traficantes e consumidores.

dois anos de trabalho na Comunidade, permaneceram atuando no lugar, emprestando ao mesmo um significado diferente do aplicado a ele por outras pessoas que consideram a Marrocos uma área inacessível.

É importante destacar, como revela o caso de Eunice, que as significações e resignificações pertinentes ao Bairro e suas localidades dependem de situações anteriores ao próprio *evento*, ou seja, embora ele produza uma ruptura com o significado anterior, o significado reelaborado encontra sua ressonância em um sistema de significação incorporado pelos agentes ao longo de sua experiência de vida.

Em outro caso observado, *eventos* relacionados a crimes violentos reelaboraram os significados presentes na visão e ação de Thesco, integrante de um grupo de jovens católico, afetado pela morte de dois de seus companheiros no ano de 1994, em um período de tempo relativamente curto.

O primeiro assassinato aconteceu em junho de 1994. A vítima foi José Ivanildo, conhecido como Novinho, um jovem de 18 anos que, segundo seus amigos, era muito querido por todos na Pastoral Juventude da Paróquia Santo Amaro¹⁵. De acordo com depoimentos de Thesco e Georgiano, participantes da Pastoral da Juventude, em 1994, Novinho estava, juntamente com eles e outros amigos, na pracinha do Parque Santo Amaro quando chegou uma pessoa e os convidou para irem para um parque de diversões situado nas proximidades da Av. Oscar Araripe. Neste momento, o grupo se dispersou e Novinho seguiu para o parque onde encontrou seu irmão e, juntos, foram para um bar. Enquanto estavam no bar, “sem se saber exatamente o porquê”, iniciou-se uma discussão entre o irmão de Novinho e um homem conhecido por Tonhão. Em certa altura do “bate boca”, Tonhão saiu avisando que iria se armar para acertar as contas com o irmão de Novinho.

Segundo a narrativa de Thesco, “ninguém pareceu dar importância ao aviso e permaneceram no bar até o momento que Tonhão retornou e puxou um revólver”. Neste momento, Novinho e os que estavam com ele correram para a casa do seu irmão, no intuito de se refugiarem. Não obstante, enquanto todos correram para o interior da casa, Novinho se armou com um tijolo e ficou a espreita de Tonhão, possivelmente, com intenção de defender o irmão, alvo do agressor. Segundo um de seus amigos esta “infeliz idéia lhe custou à vida”. Ao tentar arremessar o tijolo em Tonhão, Novinho foi alvejado com quatro tiros. Ele foi socorrido e levado a um hospital da Cidade. No entanto faleceu no caminho do hospital. Ainda na noite do acontecimento todos os amigos da Pastoral se encontraram na casa do irmão de Novinho.

¹⁵ No Bom Jardim existem três Paróquias cujos nomes são referenciais de áreas do Bairro: Santo Amaro, São Vicente e Santa Cecília. Muitos moradores se reconhecem como moradores das referidas áreas, em detrimento da nomeação oficial Bom Jardim.

No dia do velório, Padre Marcos, pároco da Paróquia Santo Amaro, chamou a atenção dos jovens para que se mobilizassem, pois “algo tinha que ser feito para conter a onda de violência que se abatia sobre a juventude do Bom Jardim”.

Menos de um mês depois do assassinato de Novinho, Josenilson, 19 anos, participante da Pastoral da Juventude foi assassinado na Praça do Parque Santo Amaro. Os amigos narraram o fato como “um acontecimento inusitado”. Nilson, como era conhecido, “era muito brincalhão e gostava de beber”. Certo dia, em uma feira que acontecia na Praça do Parque Santo Amaro, em virtude das Comemorações Juninas, ele e outro amigo estavam tomando caipirinha em uma barraca armada na Praça. Sem que os narradores deste caso tenham conseguido me explicar, Nilson teria feito uma “insinuação” de que não iria pagar pelas caipirinhas que havia bebido. A dona da barraca afirmou que iria chamar seu irmão para tomar as devidas providências.

Segundo os entrevistados, o irmão desta mulher era um dos criminosos mais perigosos do Bom Jardim (nenhum deles lembrava-se do nome do autor, apenas da qualificação de criminoso perigoso). De acordo com as testemunhas, não houve qualquer discussão entre a vítima e o agressor. O irmão da dona da barraca apareceu na Praça armado com um facão e desferiu um golpe nas pernas de Nilson que não teve a mínima chance de se defender. O amigo da vítima puxou-lhe tentando defendê-lo de um novo golpe. O agressor fugiu e, de acordo com os entrevistados, pessoas que dispunham de carro e estavam na Praça “leiloearam a vida de Nilson”, aferindo o valor pelo qual iriam prestar socorro ao rapaz que sangrou até a morte, pois “quando um cristão apareceu para lhe prestar socorro já era tarde demais”.

Diante dos acontecimentos, os integrantes da Pastoral da Juventude da Paróquia Santo Amaro começaram a se preocupar com a questão da violência, pois não eram estranhos que estavam morrendo, mas seus amigos, companheiros de grupo e do dia-a-dia no Bairro. Ademais, as razões para os crimes eram, aparentemente, banais, o que aparece em suas narrativas como dado mobilizador de inquietações sobre os motivos para “tanta violência”. Nesta época, os jovens foram aconselhados pelo Padre Marcos a transformarem suas revoltas em uma ação positiva que, de algum modo, chamasse a atenção das pessoas da comunidade para o problema e, a partir daí, se começasse a pensar em práticas de enfrentamento da violência, privilegiando uma abordagem focada em valores da “cultura de paz” em detrimento da “cultura da violência”¹⁶.

¹⁶ Os termos durante as entrevistas foram utilizados quase que indiscriminadamente pelos narradores dos casos, mas, em suma, refletiam expectativas relativas a uma reconstituição de valores sociais como respeito aos direitos

Os jovens receberam o apoio de uma ONG do Bairro que lhes forneceu um espaço para se reunirem, assim como lhes prestou orientações em relação a fundamentos de organização social. A partir deste momento, no segundo semestre de 1994, os jovens da Pastoral da Juventude criaram o Movimento Não Violência (MNV), com a proposta de trabalhar ações voltadas para a constituição de uma “cultura de paz” no Grande Bom Jardim¹⁷. Foram organizadas campanhas, passeatas, seminários, além de mobilizações permanentes “em nome da Paz”, com enfoque principal na juventude e com atividades permanentes nas escolas da região. De acordo com Thesco, “a escola era um espaço fundamental para nossas ações porque congregava a maior parte dos jovens do Grande Bom Jardim”.

Importante destacar como na visão de Thesco os acontecimentos demarcaram um “divisor de águas em sua vida” porque, segundo ele, lhe despertou a necessidade de sair de uma lógica de ação pautada na crença de que se precisava pedir a “Deus para resolver os problemas” para uma ação pautada em valores do protagonismo juvenil em que ele era sujeito histórico, integrante e mobilizador do processo de transformação a ser realizado. Muitos jovens saíram da Pastoral da Juventude para se dedicarem apenas ao MNV. Este foi o caso de Thesco, um dos fundadores do Movimento e que passou a se dedicar, segundo ele, menos “as questões da reza e mais a ação social”.

Conforme explicou Thesco, na época que ele era participante da Pastoral da Juventude, antes dos assassinatos, “a minha visão de mundo era muito ingênua, porque tava muito ligada às coisas da Igreja, era mais oração e pouca ação”. Ele me explicou que suas ações eram motivadas por preocupações relacionadas aos problemas da Paróquia, assim como a questões relacionadas a práticas religiosas, ao amor de Deus e ao próximo e, embora tivesse algumas preocupações sociais, ele me revelou o seguinte:

Pensávamos [o grupo de jovens da Paróquia Santo amaro] muito mais numa idéia de fazer algo por caridade do que por uma idéia de compromisso com o social. Era aquela coisa assim: vamos fazer isso porque a gente vai tá ajudando quem precisa e tal, e não se refletia muito sobre o que causava os problemas do Bairro (Thesco).

Ou seja, segundo o depoimento de Thesco, a partir do momento em que os jovens passaram a se articular na perspectiva de formar um movimento social, articulado a uma ONG, os integrantes adquiriram uma visão diferenciada da realidade. Os integrantes do MNV passaram a estudar e a realizar discussões fundamentadas na legislação dos direitos humanos.

do outro em detrimento de condutas fundamentadas no uso da força física contra o outro. A cultura de paz, adotada como bandeira pelo MNV, reflete anseios pautados em perspectivas dos direitos humanos, cujo objetivo seria uma pacificação das relações sociais pertinentes ao local de atuação da ONG.

¹⁷ O termo foi criado para agregar as lutas políticas dos movimentos sociais integrantes não apenas do Bom Jardim, mas de outros quatro bairros circunvizinhos (Granja Lisboa, Granja Portugal, Siqueira e Canindezinho).

Em 1997, o MNV passou a ser o primeiro movimento de jovens do Brasil inscritos no Movimento Nacional dos Direitos Humanos. No ano de 2000, o MNV se tornou, oficialmente, uma ONG e em 2003 foi convidado a participar do 1º Consórcio Social da Juventude (Projeto 1º Emprego).

Sobre qual foi a principal mudança ocorrida neste processo, demarcado pelo antes e depois dos assassinatos de Novinho e Nilson, Thesco revelou o seguinte:

Antes nos éramos um grupo de jovens da Igreja católica, isso foi muito importante em nossas vidas, mas a gente tinha uma visão muito reduzida do mundo, era aquele negócio de pecado e tal. Depois que a gente se organizou como Movimento, a gente passou a ter uma visão mais ampla, pois a gente passou a ser integrante de uma organização da sociedade civil e a discutir os problemas dentro de uma perspectiva dos direitos humanos (idem).

Segundo os entrevistados, como Entidade da sociedade civil, o MNV passou a ser conhecido e reconhecido pelo seu trabalho em prol de uma cultura de paz no Grande Bom Jardim. O grupo incorporou o discurso dos direitos humanos e o difundiu nas escolas da região, inclusive, colocando em pauta problemas importantes como, por exemplo, a violência policial. Observa-se na trajetória descrita nas narrativas dos entrevistados que o sentido presente em suas ações deslocou-se de uma visão de mundo situada em uma ética religiosa para uma visão de mundo situada em uma ética política, cuja percepção e ação no mundo social correspondem a um movimento mais amplo de luta pela legitimação e garantia dos direitos humanos. Esse corte é qualificado pelos entrevistados como “amadurecimento” em relação aos problemas do mundo social, revelando um corte entre mundo de antes (o da igreja e da reza) e o mundo de hoje (dos movimentos e da luta social). Está mudança também e ressaltada pela aquisição de novos conceitos, incorporados por novas sociabilidades decorrentes da participação dos jovens no universo das instituições de defesa dos direitos humanos.

Da singularidade do evento particular a generalização da violência urbana

As singularidades de cada caso demonstram que as rupturas em sistemas de significação particulares estão conectadas aos estoques de experiências acumuladas historicamente por agentes sociais integrados socialmente em redes de sociabilidade distintas. Contudo, é preciso considerar que cada caso não está dissociado de outros, principalmente devido ao encontro de múltiplas narrativas sobre eventos de violência urbana que afetam diversos moradores dos bairros, das cidades, dos países etc. A aproximação de diversos casos produz narrativas que objetivam singularizar as particularidades, contribuindo assim para

formação de uma representação sobre a violência urbana como fenômeno social abrangente. Assim, a violência urbana passa a existir como um fenômeno geral na medida em que múltiplas experiências narradas passam a compor um cenário de situações distintas, porém com semelhanças significativas para os agentes sociais afetados por ações específicas tipo os crimes violentos contra o patrimônio.

Ademais, um dado revelado na pesquisa, mas que ainda necessita de mais investigação, é o fato de concomitante aos problemas relativos à violência no bairro Bom Jardim existir uma crença significativa no fracasso do poder do Estado em impedir que eventos como os narrados afetem os moradores. Em nenhum dos casos pareceu possível à alternativa de manutenção das formas de vida anteriores aos eventos narrados mediante, por exemplo, uma intervenção das instituições responsáveis pela segurança pública. Assim, ao serem afetados por práticas objetivadas na representação geral da violência urbana, os moradores entrevistados não buscaram instituições tipo a polícia ou o judiciário, mas criaram suas próprias táticas para lidar com a experiência de ser vítima ou pessoa próxima a uma vítima de crime. Em nenhum dos casos verificou-se a possibilidade dos ordenamentos jurídicos-políticos do Estado de direito brasileiro — através de suas agências responsáveis pela aplicação das leis instituídas nos códigos jurídicos que prevêm tanto os crimes quanto suas respectivas punições — restaurar as rupturas causadas nos esquemas de significação anteriores aos eventos narrados.

Observa-se, no contexto pesquisado, que as narrativas apontam para um ordenamento social que escapa as normatividades jurídicas do Estado de direito instituído e compõe-se mediante as significações construídas a respeito de um contexto permeado por múltiplas manifestações da violência urbana. De acordo com Silva (2004), umas das características fundamentais da violência urbana é que ela revela não apenas comportamentos isolados, mas *um complexo orgânico de práticas*. Apesar de existir expectativas dos moradores referentes às ações de intervenção do Estado, tipo o reforço do policiamento e a punição de criminosos locais, no dia-a-dia, prevalecem as certezas de que o Estado, por si só, não garante a sustentabilidade de um sistema de sociabilidade comum cuja característica seria a organização da vida sem a consideração dos eventos agrupados na representação geral de violência urbana. A consequência disso, no Bom Jardim, parece ser a realização de formas de sociabilidade em aberto, marcadas por esquemas de significação mutáveis conforme desdobramentos de situações específicas concomitantes a solidificação de uma representação da violência urbana como fenômeno geral ao Bairro.

Bibliografia

- BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. In: *Sociologia. Col. Grandes Cientistas Sociais*, org; Renato Ortiz...[et al] São Paulo: Ática, 1994.
- CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- LAHIRE, B. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- _____. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MISSE, M. A violência como sujeito difuso. In: *Reflexões sobre a violência urbana: (in)segurança e (des)esperanças*. Org: Jandira Feghali [et. al.]. Rio de Janeiro, 2006a.
- _____. *Crimes e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2006b.
- PAIVA, L. F. S. *Contingências da violência em um território estigmatizado*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2007.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- _____. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SILVA, L. A. M. Criminalidade violenta: por uma nova perspectiva de análise. In: *Revista de sociologia e política*. Nº. 13. Curitiba, 1999.
- _____. Violência urbana: representação de uma ordem social. In: *Brasil urbano: cenários da ordem e da desordem*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.
- _____. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. In: *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.
- WEBER, M. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da UNB, 1991.